

Projetos e retrospectos: um recorte da História das Ideias Linguísticas

Este monismo ou idealismo total invalida a ciência. Explicar (ou julgar) um fato é uni-lo a outro; essa vinculação, em Tlön, é um estado posterior ao sujeito, que não pode afetar ou iluminar o estado anterior. Todo estado mental é irreduzível: o simples fato de nomeá-lo — *id est*, de classificá-lo — implica um falseamento. Disso caberia deduzir que não há ciência em Tlön, nem mesmo raciocínio. Mas a paradoxal verdade é que existem, em número quase inumerável. (JORGE LUIS BORGES. *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius: O jardim de veredas que se bifurcam*)

Ao recarregarem cada manhã suas mercadorias destinadas aos países desconhecidos, levavam consigo certo número de pensamentos, de palavras e de costumes nossos, que pouco a pouco se apoderariam do globo terrestre mais facilmente do que legiões em marcha. A circulação do ouro e o trânsito das idéias, tão sutil como o ar vital nas artérias, recomeçavam no interior do grande corpo do mundo. O pulso da terra voltava a bater. (MARGUERITE YOURCENAR. *Memórias de Adriano*)

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecto, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (SYLVAIN AUROUX. *A revolução tecnológica da gramatização*)

Iniciemos com uma defesa contra uma interpretação improcedente que circula por aí. A História das Ideias Linguísticas não é simplesmente um nome alternativo para a História da Linguística, mas um modo de pensar a constituição do saber sobre a linguagem e as línguas a partir de procedimentos metodológicos produzidos inauguralmente pela equipe de Sylvain Auroux na França desde 1980 e, na década seguinte no Brasil, pela coordenação inicial de Eni Orlandi no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Esses procedimentos dizem respeito à instrumentação das línguas através de

vocabulários, enciclopédias, dicionários, gramáticas, instituições etc., agregando uma extensa e movimentada rede de pesquisadores espalhados pelos mais diversos estabelecimentos de pesquisa e ensino no Brasil e no mundo.

Trabalhos consagrados à história dos conhecimentos linguísticos são comuns desde o início do século XIX, conforme Auroux (1992). Nesse meio, como argumenta o autor, a História das Ideias Linguísticas lança uma forte crítica ao mito da cientificidade expandido pela historiografia das ciências da linguagem no século XIX, de acordo com o qual os estudos sobre a linguagem só seriam verdadeiramente científicos a partir do comparativismo, pois ela procura compreender o apagamento de um saber metalinguístico mesmo antes da instituição da linguística. Nesse sentido, Auroux (1989) argumenta que o historiador deve recusar a tentação de dizer de forma normativa qual deveria ser o estatuto científico da linguística. Para Auroux (2007), uma primeira tarefa intelectual de quem faz História das Ideias Linguísticas é refutar a representação da ciência como um discurso desnudado de referência temporal, com a história servindo como uma simples modalidade de argumentação, e, assim, romper com a atemporalidade nos estudos da linguagem. De forma geral, para Auroux (2006, p. 105), assumir a posição de historiador das ciências “é ser capaz de estabelecer cronologias e linhas causais (o último ponto é o que distingue o historiador da historiografia que se limita a contar, ainda que o discurso seja ele próprio uma trama explicativa); mais ainda, é ser capaz de construir representações e explicações”¹. Para tanto, ele adverte que o historiador deve se esforçar para não recorrer à teleologia, isto é, explicar o passado pelo futuro, defendendo que o “historiador das ciências não pode se contentar em utilizar uma temporalidade extrínseca, o que significaria dizer que as representações que ele constrói situam simplesmente seus objetos (que são eles próprios representações) em um quadro temporal, uma cronologia, mesmo se essa cronologia é a condição mínima da história”² (2006, p. 105). Essa tarefa, no entanto, adverte o autor, não deve ser pensada como a de reconstituir a história real na sua realidade.

¹ No original: « Être historien des sciences c’est être capable d’établir des chronologies et des lignes causales (ce dernier point est ce qui distingue l’historien de l’historiographe qui ne fait que raconter, encore que le récit soit en lui-même une trame explicative) ; plus encore, c’est être capable de se construire des représentations et des explications. »

² No original: « L’historien des sciences ne peut pas se contenter d’utiliser une temporalité extrinsèque, ce qui reviendrait à dire que les représentations qu’il construit situent simplement leurs objets (qui sont

Auroux (1987) define o historiador das ciências como um pesquisador que se interessa por um domínio empírico constituído por dados, tais como documentos e arquivos, e por fatos, como a publicação de um livro ou a falsificação de uma teoria. Escrever uma história é, para Auroux (1995, p. 20), “homogeneizar o diverso”, de forma que o trabalho do historiador consistiria em “projetar fatos em um hiper-espaço que comporta essencialmente três tipos de dimensão: uma cronologia universal, uma geografia e um conjunto de temas”³. O historiador das ciências da linguagem é especificamente definido por Auroux (1995, p. 4) como aquele que toma as ciências da linguagem como objeto, e não aquele que toma diretamente como objeto os fenômenos que as ciências da linguagem tomam como objeto, no que estaria a diferença, por exemplo, entre um foneticista e um historiador da fonética, uma vez que esse último não procuraria descrever fenômenos sonoros, concentrando-se antes nos textos, discussões e argumentos, havendo, no entanto, uma continuidade entre as duas atividades, pois “se queremos compreender alguma coisa de uma teoria linguística, não teremos uma atividade intelectual diferente dos inventores ou dos utilizadores dessa teoria”⁴. Em outras palavras, Auroux (1992, p. 13) determina que o trabalho com a História das Ideias Linguísticas corresponderia a responder “sob que formas se constitui, no tempo, o saber linguístico” e “como essas formas se criam, evoluem, se transformam ou desaparecem”. No entanto, Auroux (1995) adverte que é preciso recusar explicações que tomam a ciência como uma totalidade dos momentos do seu desenvolvimento e/ou que buscam no passado elementos convenientes aos preconceitos definidos pelo ponto de vista moderno. Ao mesmo tempo, o autor adverte para a necessidade de olhar para o passado, evitando perspectivas que tomem não a língua, mas a própria ciência e as

eux-mêmes des représentations) dans un cadre temporel, une chronologie, même si cette chronologie est la condition minimale de l'histoire. »

³ No original: « Quoi qu'il en soit de la diversité d'historicisation, écrire une histoire consiste à homogénéiser le divers. Tout travail d'historien consiste à projeter des faits dans un hyper-espace comportant essentiellement trois types de dimensions : une chronologie universelle, une géographie, et un ensemble de thèmes. »

⁴ No original: « Être historien des sciences du langage, c'est les prendre pour objet, et c'est donc ne pas prendre directement pour objet les phénomènes que les sciences du langage prennent pour objet. Il y a une différence de spécialisation entre, par exemple, un phonéticien et un historien de la phonétique. Le second ne cherchera pas à décrire des phénomènes sonores ; il connaîtra d'abord des textes, des discussions, des arguments. Autrement dit, l'historien des sciences du langage n'est pas un praticien au même titre que les autres linguistes. Il y a certes une continuité entre les deux activités ; si on veut comprendre quelque chose à une théorie linguistique, on n'aura pas une activité intellectuelle différente de celle des inventeurs ou des utilisateurs de cette théorie. »

teorias de forma sincrônica, ignorando que as viradas de paradigma não surgem do éter, mas da própria história:

Em dez anos de trabalho paciente, um grupo considerável de pesquisadores bem diferentes construiu uma representação histórica dessas disciplinas [das ciências da linguagem] utilizando dados, métodos, discussões que alcançaram certa maturidade e cuja dominação, de todo modo, supõe uma especialização. Uma das conclusões que podemos tirar com esse trabalho é que se deve datar o nascimento dos conhecimentos nessa matéria por volta de 2 mil anos antes de nossa era (...). Ora, elas são contraditórias em relação às ideias correntes (construídas no século XIX pelas razões mais fáceis de explicar) dos praticantes da linguística, que ainda sustentam, muito frequentemente, que seu trabalho se tornou “científico” com Bopp (a quem podem se acrescentar variantes modernas: Saussure ou Chomsky ou qualquer outro sistema moderno que se deseje propor). A ideologia da ruptura heroica e a interpretação presentista sem dúvida possuem fortes ancoragens (o hábito, o posicionamento no campo, o efeito de autoridade extraído dele) e talvez até mesmo argumentos racionais. Será necessário discutir, convencer, negociar. (AUROUX, 1990, p. 183, nota 14)⁵

É nesse sentido que, embora a História das Ideias Linguísticas se dedique também a processos de ruptura, não elege heróis da teoria, das ideias, das ciências. Trabalhando com a espessura das temporalidades que constituem as ideias linguísticas, acaba por dar ênfase ao longo prazo, ainda que pontue revoluções técnicas que contribuem com a transformação, paradigmaticamente mais ou menos parcial ou, das ideias linguísticas: a invenção da escrita, a invenção dos instrumentos linguísticos, a invenção da internet etc. E é assim que ela se desloca de outras tendências linguísticas, epistemológicas e de filosofia da linguagem que vão identificando ruptura pós-ruptura no pensamento linguístico, como se autores, no sentido de inauguradores intelectuais, surgissem pelo ladrão a cada geração. Ao mesmo tempo, esse trabalho permite que objetos nem tão frequentes como alvo de investigação de estudos de linguagem (de margens de livros a obras literárias) passem a figurar como material a ser estudado, numa clara ruptura com uma epistemologia histórica que determina gradações na importância de seus objetos.

⁵ No original: « En une dizaine d’années de travail patient, un groupe important de chercheurs fort différents, a construit une représentation historique de ces disciplines [des sciences du langage] en utilisant des données, des méthodes, des discussions qui ont atteint une maturité certaine et dont la domination, en tout état de cause, suppose une spécialisation. L’une des conclusions que l’on peut tirer de ce travail est qu’il faut dater la naissance de connaissances en la matière environ 2000 ans avant notre ère (...). Or, elles sont contradictoires par rapport aux idées courantes (construites au XIXe siècle pour des raisons faciles à expliquer) des praticiens de la linguistique, qui soutiennent encore assez souvent que leur travail est devenu « scientifique » avec Bopp (à quoi peuvent s’ajouter des variantes modernes : Saussure ou Chomsky ou tout autre système dernier cri que l’on souhaite proposer). L’idéologie de la rupture héroïque et l’interprétation presentiste ont sans doute de forts ancrages (l’habitude, le positionnement dans le champ, l’effet d’autorité qu’on en tire) et peut-être même des arguments rationnels. Il faudra discuter, convaincre, négocier ».

Auroux (1995, p. 5) propõe, assim, que o campo da História das Ideias Linguísticas compreenda como “‘resultado’ seja o estabelecimento de um fato então desconhecido, seja a construção de um modelo descritivo ou evolutivo correspondente a uma classe de fenômenos, seja a confirmação ou falsificação de um modelo conhecido, seja enfim a constituição de materiais de base (edições críticas, exame minucioso de arquivos, bibliografia, etc.)”⁶.

Trabalhar com essa História das Ideias Linguísticas é, segundo sintetizam Colombat, Fournier e Puech (2010), explorar os textos, inclusive aqueles muitas vezes esquecidos, a fim de criar as condições de uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem por meio da produção de informações sobre as teorias antigas, os conhecimentos que elas produziram e os conceitos que elas elaboraram; sobre a forma como os problemas foram postos e concebidos; e sobre problemas mais gerais e mais fundamentais, tais como a concepção que gramáticos e linguistas tiveram do seu objeto em vários momentos, a forma como foram tomados e concebidos os fatos e os dados, bem como as regras e/ou as leis que os organizam, ou ainda como foram distinguidos o possível e o impossível de língua, o que se pode dizer e o que não se pode dizer, ou também como foram definidas as condições de validação das descrições. No entanto, tal como sustenta Pfeiffer (2002), os textos analisados não devem ser encarados como documentos que refletem ideologias e escondem sentidos que precisam ser achados, mas como parte da construção dos sentidos na história.

Para Orlandi (2001, p. 16), a especificidade da História das Ideias Linguísticas está no trabalho com a história do pensamento sobre a linguagem antes mesmo da instalação da linguística e, sobretudo, a partir de um olhar interno à ciência da linguagem:

Fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definitiva; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. Não se trata de uma história da Linguística externa, o que poderia ser feito por um historiador da

⁶ No original: « Par "résultat" en histoire des théories linguistiques, il faut entendre : soit l'établissement d'un fait jusque-là inconnu, soit la construction d'un modèle descriptif ou évolutif correspondant à une certaine classe de phénomènes, soit la confirmation ou la falsification d'un modèle connu, soit enfin la constitution de matériaux de base (éditions critiques, dépouillements d'archives, bibliographie, etc .). »

ciência simplesmente. Trata-se de uma história feita por especialistas da área e portanto capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua.

Assim, inscrevemo-nos numa posição segundo a qual, para fazer História das Ideias Linguísticas, é necessário ser linguista: e aqui não falamos exclusivamente de linguista de formação (com percurso formal na área, filiação institucional e teórica), mas de um estudioso dos meandros das linguagens, das línguas, em vários dos sentidos possíveis para os termos. Ou seja: não há, ou não deve haver, espaço para amadorismo em História das Ideias Linguísticas. Há um trabalho de rigor, cuidado, coleta, associação e, sobretudo, de reconstituição de ideias não necessariamente apagadas, mas esquecidas e lateralizadas.

Nos termos de Guimarães e Orlandi (1996), o trabalho da disciplina envolve a questão da língua, dos instrumentos tecnológicos a ela ligados e de sua relação com a história do povo que a fala. Como a constituição das ideias linguísticas está ligada de forma incontornável às práticas humanas, não faz sentido, portanto, determinar um método de estudo histórico dessas ideias que não contemple essas práticas humanas. Dessa forma, acreditamos não ser possível tratar historicamente das ideias linguísticas fora das condições históricas em que elas foram produzidas e postas em circulação. Como lembram os autores, falar da história das ideias linguísticas no Brasil é levar em conta a constituição de um saber metalinguístico nas condições próprias da história brasileira. Assim, o fato de o Brasil ter sido uma colônia portuguesa que se torna independente no início do século XIX não é um dado secundário, mas, ao contrário, constitutivo do pensamento sobre a linguagem no Brasil. Não é sem efeitos nas ideias linguísticas que a configuração geográfica, social, institucional, política do Brasil preserva singularidade em relação às demais nações que o circundam e também em relação aos Estados colonialistas. Não é sem efeitos, analogamente, que os regimes colonial, seguido do monárquico, e por séculos escravocrata, se preservam firmemente, ainda que sob constantes resistências e ameaças, na língua, nos instrumentos linguísticos, nas instituições e discursos, inclusive naqueles que se colocam como sem ideologia. Nada disso é circunstancial: é determinante na produção de saber linguístico. Por fim, ainda segundo Guimarães e Orlandi (op. cit.), no momento em que se toma a constituição do pensamento linguístico no Brasil nas condições específicas de sua história, abre-se a possibilidade de reconhecer, para além de influências das ideias

européias na produção do conhecimento linguístico brasileiro, a construção de um lugar próprio na história das ciências.

A apreciação dos instrumentos tecnológicos da gramatização na escrita da História das Ideias Linguísticas se justifica na medida em que o exame da constituição desses instrumentos tecnológicos diz muito sobre o modo como uma sociedade constrói sua identidade, pois “a produção de tecnologias é parte do modo como qualquer sociedade se constitui historicamente”, como notam Guimarães e Orlandi (1996, p. 9). Dessa forma, observar a constituição de instrumentos tecnológicos brasileiros é uma maneira de perceber como se constrói uma identidade brasileira. Uma vez que, como registram Guimarães e Orlandi (1996, p. 14), “a língua e os instrumentos linguístico são objetos históricos que estão intimamente ligados à formação do país, da nação, do Estado”, a produção de instrumentos tecnológicos relacionados com a linguagem se revela um ponto privilegiado para a observação da forma como uma sociedade produz conhecimento relativo à sua realidade.

Ao retomar o modelo de análise triádica desenvolvido por Auroux (1992) e Chevalier e Delesalle (1986), Guimarães (2004, p. 11) estabelece que “é preciso que uma história das ideias considere uma análise das obras específicas pertinentes, as instituições em que este saber se constitui e os acontecimentos que, nestas instituições, catalisam aspectos específicos da produção deste saber”. Considerando então que o trabalho com a História das Ideias Linguísticas envolve, de forma não somatória, as instituições, os acontecimentos e as obras, sem negar a relação que esses elementos estabelecem entre si, assinalamos que este volume da *Porto das Letras* é um trabalho dedicado integralmente à História das Ideias Linguísticas, tomando em seus diversos artigos justamente instituições, acontecimentos e obras. Segundo Guimarães (2004, p. 16), é preciso levar em conta para a análise das obras que elas são afetadas pela exterioridade que as constitui, relacionando-se, dessa maneira, com os acontecimentos institucionais:

Se se toma como centro de atenção as obras dos autores relevantes para cada tipo de questão, a análise destas obras se faz considerando que elas são afetadas por uma exterioridade que as constitui. A própria análise do pensamento dos autores, enquanto análise de seu discurso, traz para cena um conhecimento sobre as instituições, pelo simples fato de que a análise das obras trará para cena sua relação com acontecimentos institucionais e suas condições históricas. Ou seja, a produção de uma compreensão histórica das ideias de uma obra produz também elementos para uma história das instituições como parte dela. A análise dos trabalhos pertinentes específicos é feita considerando que: eles são produções de sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas, a produção de

conhecimento é uma prática histórica, materialmente determinada; Os sujeitos, para produzirem conhecimento, se acham individualizados pelas instituições a que estão vinculados.

Essa relação entre obras e instituições poderá ser vista em diversos artigos à frente, bem como a articulação de ambos com acontecimentos que contribuíram com o tecido das ideias linguísticas brasileiras. É necessário ressaltar também que este volume se dá majoritariamente (embora não exclusivamente) como fruto de um encontro não planejado: entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise do Discurso materialista. Desde o início, na chamada, proclamamos uma abertura às vertentes teóricas que considerassem a possibilidade de estabelecer um diálogo com a HIL. Boa parte dos textos recebidos encetou esse diálogo a partir da AD. Não há coincidências aqui. Recentemente, em volume também dedicado à História das Ideias Linguísticas, Ferreira (2018) deu o tom desse encontro, apresentando sinopticamente o panorama de obras que se dá no cruzamento HIL e AD. Diz a autora:

A História das Ideias Linguísticas delineada no Brasil em sua filiação à Análise de Discurso vem indagando sobre os instrumentos linguísticos e suas relações com as instituições, o Estado, o mercado, a globalização, bem como com os novos modos de significação do sujeito em relação à identidade e à autoria e, ainda, em relação aos movimentos de resistência às formas de conformação técnica. É nesse sentido que podemos dizer que, dessa perspectiva, quaisquer práticas técnicas são, necessariamente, práticas políticas. (FERREIRA, 2018, p. 27)

Não pretendemos esgotar aqui as relações entre as duas disciplinas, mas vale dizer que, talvez parcialmente por responsabilidade tanto de praticantes da HIL quanto de praticantes da AD, as teorias tenham sido compreendidas como indistintas, de modo que um trabalho em AD que se dedique a questões linguísticas logo é associado à HIL, ou que um trabalho em HIL que identifique filiações ideológicas logo é entendido como AD. Embora a interseção entre as disciplinas seja um fato que pode ser observado nas próximas páginas, há especificidades em seus primados teóricos, em suas compreensões dos agentes da história, em suas concepções próprias do processo de constituição do sentido e mesmo na proposta de conceitos centrais na HIL, como o de instrumento linguístico e o de hiperlíngua, conforme defende Costa (2019, p. 28ss). A despeito disso, o cruzamento disciplinar produz ganhos mútuos. É nesse sentido que, além desse encontro que já se coloca como regular, devemos mencionar outras possibilidades de interação/interface/diálogo/dialética: com a Semântica da Enunciação, a Semiótica, a Epistemologia e mesmo áreas que se apresentam antes pelos nomes de Historiografia

Linguística, Historiografia da Linguística, Glotopolítica... Tais confluências se realizam em muitos dos trabalhos apresentados neste número da revista *Porto das Letras*. Cumpre então afirmar que, apesar da retroalimentação dessas tendências teóricas, há especificidades e mesmo contradições em suas bases epistemológicas, o que leva pesquisadores a empreenderem um sério trabalho de reconfiguração teórica, tendendo para um lado ou para outro, se desejam efetivamente produzir investigações nos encontros disciplinares. Isso não é obrigatório, mas tem rendido resultados muito produtivos, apontando não apenas para fenômenos como gramatização, institucionalização, disciplinarização, manualização (típicos de pesquisas em HIL), mas também para a constituição de um Estado e de um sujeito nacionais por meio de uma língua imaginária, para a desumanização de sujeitos falantes de determinadas línguas no espaço brasileiro, para o caráter fascistizante de certos discursos gramaticais normativos e de discursos de linguistas que se querem científicos e sem ideologia (como se isso fosse possível).

Os trabalhos à frente, encapados pela tradução de dois textos clássicos sobre os desafios epistemológicos da pesquisa em História das Ideias Linguísticas, compõem um belo olhar da disciplina da qual falamos atrás. Com um pouco de atenção, os leitores conseguirão estabelecer facilmente vínculos entre o que advogamos e o que autores e autoras reunidos aqui propõem, nos apresentando com artigos que se dedicam a uma leitura sobre métodos de fazer o próprio trabalho de análise em HIL, relações entre língua e raça em distintas materialidades, a nacionalidade como determinante para as ideias linguísticas em circulação, documentos fundadores de línguas nacionais, acontecimentos marginalizados pelos paradigmas linguísticos contemporâneos, políticas linguísticas e educacionais e, enfim, objetos e saberes infrequentes na reflexão linguística. Projeção e retrospectão, bem ao nosso gosto teórico.

José Edicarlo de Aquino

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Referências

AUROUX, Sylvain. Les avancées de notre discipline. In: GUIMARÃES, Eduardo; BARROS, D. L. P. de (Éds.). *History of Linguistics 2002*. Amsterdam : Philadelphie : John Benjamins, 2007. p. 223-234.

_____. Les modes d'historisation. *Histoire Epistémologie Langage*, Paris, v. 28, n.1. p. 104-116, 2006.

_____. L'histoire des sciences du langage et le paradoxe historiographique. *Le Gré des Langues*, Paris, n. 8. p. 40-62, 1995.

_____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. *Barbarie et Philosophie*. Paris cedex 14: Presses Universitaires de France, 1990.

_____. Le langage et la science: une visée historique. In: Reichler-Béguelin, M.-J. (Dir.). *Perspectives méthodologiques et épistémologiques dans les sciences du langage*. Bern : Peter Lang : Francke, 1989. p. 51-68.

_____. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques : les horizons de rétrospection. In : SCHMITTER, P. (Éd.). *Geschichte der Sprachtheorie*. Tübingen : G. Narr, 1987. p. 20-42.

BORGES, Jorge Luis. “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius: O jardim de veredas que se bifurcam” [1941]. In: BIOY CASARES, Adolfo; BORGES, Jorge Luis; OCAMPO, Silvina (orgs.). *Antologia da literatura fantástica*. Trad.: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013 [1965].

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris : Klincksieck, 2010.

COSTA, Thaís de Araújo da. *Discurso gramatical brasileiro: permanências e rupturas*. Campinas: Pontes, 2019.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A Análise de Discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. *Fragmentum*, n. especial. Jul./Dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580/19833>

GUIMARÃES, Eduardo. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. São Paulo: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. Apresentação: identidade linguística. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. p. 9-15.

ORLANDI, ENI P. Apresentação. In: ORLANDI, P. Eni (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Mato Grosso: Pontes, 2001. p. 7-19.

PFEIFFER, Claudia C. Sentidos para sujeito e língua nacionais. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 7, p. 71-93, 2002.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. São Paulo: Nova Fronteira, 2019.